



**CULTURA NACIONAL E LIBERDADE DOS PRAZERES EM CAIO FERNANDO**

**ABREU: UMA BREVE INTRODUÇÃO**

José MARIANO NETO<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho pretende *estabelecer* a relação, dentro de um quadro geral, entre as identidades culturais fragmentadas do mundo social e a representação, pela literatura nacional, do exercício dos prazeres de uma determinada homoafetividade. A *hipótese* sobre a existência de uma literatura homoerótica aponta, entre outras questões, para a relação entre homoafetividade e cultura nacional, e entre gênero e papéis sociais, e, política e culturalmente, deve esforçar-se na redefinição das categorias e das formas de pertencimento a uma cultura nacional e suas condições específicas. Um autor central para essas discussões é Caio Fernando Abreu. Uma das grandes expressões literárias dos últimos 30 anos, sua produção cobre, talvez, o período de maior ebulição estética pela qual o Brasil passou depois do Modernismo e da Tropicália, cuja repercussão se faz sentir no panorama cultural brasileiro nas áreas política, social e das comunicações. Evidentemente, a escritura de Caio se distingue bastante do tom confessional que marcou a estética da época e se configura como uma ficção que procura uma maior elaboração literária. Depois, a prosa de Caio Fernando Abreu fala de um Brasil mais politizado e mais contestador que busca suas identidades em meio ao caos das relações políticas e socioeconômicas e da impotência e desesperanças dos projetos coletivos de mudanças sociais e prospecções existenciais. A própria temática erótico-amorosa nos textos, por outro lado, acena quase sempre para a interdição e à dificuldade de se encontrar não somente espaço, mas a forma mais *apropriada* de plenitude na expressão da homoafetividade.

Palavras-chave: Cultura nacional; identidade; literatura; homoafetividade.

As identidades que sustentavam o mundo social na modernidade não podem mais ser adotadas sem que se corra o risco da anacronia e estão dando lugar à emergência de novas possibilidades de referência dos sujeitos na pós-modernidade. A crise da identidade sinaliza a extensão das transformações que “está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência” (HALL, 2005, p. 7) individuais que fundeavam a imobilidade do convívio em sociedade.

Não nos deteremos aqui sobre as questões centrais da identidade cultural na pós-

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela UFPB

modernidade e tampouco avaliaremos a crise que permeia as grades referenciais das identidades. Nosso objetivo consiste em *estabelecer* a relação, dentro de um quadro geral, caótico, é verdade, das identidades culturais fragmentadas do mundo social e a representação, pela literatura nacional, do exercício dos prazeres de um determinado tipo de homoerotismo.

Sabemos que tal procedimento deixará encobertas questões de grande relevância, como as do mapeamento criterioso dos acontecimentos precipitadores da crise das identidades nas sociedades pós-modernas, suas formas e conseqüências. Não se trata de descontextualização dos eventos, ao contrário, buscaremos desenvolver um argumento, quando for pertinente, relacionado estritamente aos aspectos das identidades culturais que *condicionam* o pertencimento a uma etnia, raça, nacionalidade, língua, sexualidades etc.

Também não pretendemos destratar os momentos históricos de cada produção literária nem ocultar os possíveis códigos de leitura que a tornam possível. Porém, essas operações se reduzirão à escolha dos textos que julgamos centrais na representação estética do fenômeno e priorizarão a experiência homoerótica masculina, uma vez que a disponibilidade dos textos literários no gênero é maior.

As práticas sexuais ou o exercício dos prazeres alternativos nunca foram modismo nem podem ser tomados como naturalidade nacional “quando se propõe que a vivência homossexual seria fundamentalmente alienígena” (TREVISAN, 1986, p. 17), e se inserem no quadro de referências que delineiam as vidas e as culturas (no caso deste trabalho, as identidades de brasileiro e de homossexual representadas pela ficção de Caio Fernando Abreu). Embora, confessamos, seja extremamente difícil, a nosso ver, delinear o caráter brasileiro na sua própria complexidade e o homoerotismo em suas múltiplas expressões.

A discussão nesse ponto enfrenta dois impasses (porém, eles são muitos): um, é o de

partir da idéia de que estamos diante de uma condição humana e de uma circunstância cultural. O outro é o de lidar com a subalternidade da experiência brasileira e a “ignorância sobre a *especificidade histórica* da cultura nacional na atualidade do Ocidente letrado” (SANTIAGO, Silviano, p.194), ainda que em vista da tentativa de uniformização dos padrões de vida planetária.

O fato é que não se pode objetar à construção das identidades e, por mera questão de método aqui, negar um nome ao desejo e ao prazer de que trataremos, ao mesmo tempo em que são iniludíveis o descentramento do quadro das referências sociais e o deslocamento e a fragmentação das identidades. O debate parece dividir não-somente a comunidade sociológica: no entanto ele permanece obscuro à ciência social em face das mudanças estruturais das sociedades modernas no final do século que oferecia sólidas localizações aos indivíduos em sociedade (HALL, 2005, p. 9).

O debate sobre a existência de uma literatura homoerótica distinta das demais formas de manifestação literária é um tema polêmico que envolveria questões teóricas, preconceitos sociais, interesses do mercado editorial etc. e nos desviaria do tema central que queremos abordar. Porém, em nenhum outro momento parece mais pertinente, na academia e na sociedade, a discussão sobre as expressões do homoerotismo na literatura que, a par de um panorama dos escritores que abordaram a homossexualidade na cultura ocidental e do questionamento crítico sobre o conceito de *literatura gay*, trace o percurso das transformações que a figura do homossexual sofreu ao longo da história literária.

Sob o ponto de vista de uma produção brasileira, a *hipótese* sobre a existência de uma literatura homoerótica deveria apontar, entre outras questões, para a relação entre homoerotismo e cultura nacional, e entre gênero e papéis sociais, se pretende, política e culturalmente, esforçar-se na redefinição do político e das formas de pertencimento ao

nosso mundo e de nossas condições específicas. Mas tal pretensão não é do porte de uma visão panorâmica e apressada como o é neste trabalho.

Em termos de linguagem, é preciso entender como se dá a tradução das muitas manifestações homoeróticas (sem, contudo, ter uma visão tão diferenciada assim de outras formas de expressão afetiva e erótica, que acaba por reforçar os estereótipos), por exemplo, na esfera da afetividade e da sexualidade, como a poética do olhar, a insinuação das formas, a dança dos gestos, a possibilidade do encontro, enfim, a expressão do desejo homoerótico por meio de palavras, para o código literário, e em que medida a representação esboça, define e distingue as marcas de uma escritura.

O emprego de uma estrutura de análise para compreender o processo social brasileiro representado pelas obras literárias e, a partir da plasmação, procurar elucidar a relação entre cultura nacional e homoerotismo, não poderia ser bastante distinto para, por exemplo, atestar a inter-relação do seu significado com fenômenos parecidos no resto do mundo. Diante de especificidades delimitadoras do ser homossexual e do ser brasileiro e até de uma literatura nacional existe um elemento de fundo que aproximam os homens e as sociedades: a instância de mediação do diálogo com a cultura cosmopolita que acaba por definir o sentido da cultura, evitando nacionalismos estreitos, e até mesmo da pesquisa, periféricas, e evidencia o imperialismo cultural que universaliza os particularismos de uma tradição histórica (SANTIAGO, 2004, p.195) em presença das teorias de globalização.

Por outro lado,

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam

qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. (BHABHA, 2005, p. 19-20).

Assim, só nos resta perguntar: afinal, o que define o homoerotismo no Brasil a par com a cultura, quais as relações entre eles, como têm sido representados pela literatura, em que sentido essa representação contribui para *definir* as relações entre homens que gostam de homens? Para tanto, acreditamos que seja perigoso categorizar o desejo sem cair na normatização de uma referência à identidade gay, sendo melhor considerar as relações homoeróticas do que as pessoas, uma vez que “seria bastante equivocado restringir a vivência homossexual (e sua diversificada expressão cultural)” (TREVISAN, 1986, p. 21).

Um dos problemas relacionados à imprecisão na definição da categoria, hoje, deve-se ao vírus HIV que ajudou a ampliar o próprio espectro mutante das práticas alternativas de sexualidade. Por uma questão de praticidade, restringiremos o conceito de homoerotismo a uma variedade de expressões eróticas e afetivas entre pessoas do mesmo sexo e à reivindicação delas por um mundo onde a manifestação de seus desejos seja possível.

Não abordaremos questões relacionadas à AIDS e ao homoerotismo neste trabalho por motivo de objetivo: o ensaio aqui quer restringir-se à tese de que determinadas condições como a nacionalidade e a cultura *enformam* expressões de homossexualidade e criam o terreno para a livre expressão dos desejos alternativos. A AIDS no Brasil incorporou um papel discursivo ao estetizar o que parecia tão pouco *digno* de plasmação artística e, a partir da representação estética, a pressupor uma relação direta com o autor e a síndrome. Não poderíamos passar por cima dessa evidência e deixar ao largo um elemento que ajuda a tecer as relações com o homoerotismo, mas a questão de espaço nos remete à

proposta de apenas vislumbrar alguns fatores que perfazem essa relação, obrigando-nos a tratar de temas mais restritivos, havendo a possibilidade de um levantamento mais acurado da questão em outra situação.

O próprio título deste ensaio sugere que a abordagem estabelecida aqui será a de *vôo de pássaro*, conforme sugeriu Candido (1989), uma vez que os temas pesquisados não podem ser apreciados detalhadamente e só devendo sê-lo quando a oportunidade assim o exigir. Porém, as notas apressadas sobre relação tão complexa envolvendo temas tão urgentes e imbricados não quer dizer que inexista o esforço da pesquisa e da análise e o esboço de se seguir um método de leitura que desencadeie um olhar percuciente sobre a interdependência das questões e sobre a necessidade de aprofundamento do estudo.

Ainda não rastreamos com a devida atenção tudo o que se produziu sobre o tema sugerido neste pequeno trabalho. Porém, de acordo com nossa pesquisa, apenas alguns estudos esparsos tiveram sorte de vir a lume, devido à própria emergência dos estudos gays e a emersão de “um tipo de estudo das sensibilidades, de ensaísmo estético” (MORICONI, 2002, p. 17) agregado à ética configurada a partir do pensamento de uma estética da existência, de acordo com Foucault, que têm ocupado o espaço das discussões acadêmicas.

Por outro lado, somos alertados por Bhabha (1998, p. 21) de que

A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica.

Acreditamos que a expressão da liberdade dos prazeres na situação do homoerotismo se *condiciona* à contingência e contraditoriedade que permeia a vida dos indivíduos cujo exercício do erotismo, da sensualidade, da amizade (e amizade como ética de vida) desafia as normas e os padrões de conduta sociais nunca previstos pela naturalidade que marca as expressões de todo e qualquer desejo humano, obrigando à divisão de grupos na reivindicação do direito à *igualdade* e instigando particularismos que constituem identidades diversas.

Desse modo, as *extravagâncias* são apenas permitidas e encorajadas como incremento na diversificação do consumo. Na vida social, a organização dos sujeitos se pauta pela repressão do que há de mais concreto e singular na subjetividade, o erotismo e a sensualidade, negando a realidade de que os desejos sejam intercambiáveis e remetam à travessia da fronteira entre os sexos. Conforme Calligaris (2004, p. 371), “os gays se tornaram alvos privilegiados e explícitos de muitas propagandas por serem, em média, segundo as pesquisas de mercado, consumidores mais abastados e mais requintados que os heterossexuais”. O que expressa o ideal de hedonismo bem-sucedido e concerta a idéia de distância entre os indivíduos que constituem um grupo social marcado pela modalidade comum de desejo sexual e que se *define* pela forma do uso dos prazeres.

Nesse sentido, justifica-se a intolerância ao casamento *gay*, não somente no Brasil, pela recusa ao apoderamento dos prazeres do lar outrora licenciados exclusivamente aos heterossexuais. Porém, o ponto nevrálgico da questão, sempre velado pela sociedade, é o de que o homoerotismo é tão involuntário quanto a heterossexualidade e de que forma a parcela de homens e de mulheres que se identificam pela liberdade no uso dos prazeres pode transformar essa realidade numa questão política com o devido agendamento de plataformas para o movimento gay.

Segundo Castells,

[...] embora a liberação sexual esteja no âmago dos movimentos gay e lésbico, *os dois tipos de homossexualismo, masculino e feminino, não podem ser definidos como preferências sexuais. São, fundamentalmente, opções por identidades* e duas identidades distintas: lésbicas e homens gays. Essas identidades, como tal, não são inatas; elas não se originam de algum tipo de determinação biológica. Embora predisposições biológicas realmente existam, o desejo homossexual costuma misturar-se a outros impulsos e sentimentos de modo que o comportamento real, as fronteiras da interação social e a auto-identidade são cultural, social e politicamente construídas.

### **No centro do furacão**

Um autor central para as discussões sobre o tema sugerido neste trabalho, a nosso ver, é Caio Fernando Abreu. O escritor gaúcho é uma das grandes expressões literárias dos últimos 30 anos. Sua produção cobre três gerações consecutivas, a dos anos 70, 80 e 90, talvez o período de maior ebulição estética pela qual o Brasil passou depois do Modernismo e da Tropicália, cuja repercussão se fará sentir no panorama cultural brasileiro nas áreas política, social e das comunicações.

Evidentemente, a escritura de Caio se distingue bastante do tom confessional que marcou a estética da época e se configura como uma ficção que procura uma maior elaboração literária, enformada pelo “autoquestionamento, a revelação, o desnudamento, algo que se realiza sempre pela via negativa, pela técnica da inversão (claro) – da qual Caio é mestre – de dizer pelo não dito, significar pelo oposto ou pelo implícito, pelo subtexto ou pela elipse – suas ilhas de silêncio” (DENSER, 2005, p. 10).



Depois, a prosa de Caio Fernando Abreu fala de um Brasil de uma certa forma mais politizado, mais contestador, que busca suas identidades em meio ao caos das relações políticas e socioeconômicas (é impossível descontextualizar sua produção e o que ela representa) e da impotência e desesperanças dos projetos coletivos de mudanças sociais e prospecções existenciais. A própria temática erótico-amorosa nos textos, por outro lado, acena quase sempre à interdição, à dificuldade de se encontrar não somente espaço, mas a forma mais *apropriada* de plenitude na expressão.

Fora o tema, o enredo e personagens homoeróticas que “expõem com tal clareza o paradoxo da questão homossexual, como questão simultaneamente *lateral* e *central* na constituição da subjetividade” (MORICONI, 2002, p. 14), algo que por si só já contemplaria um dos elementos estabelecidos da relação entre uma identidade homoerótica e cultura nacional, Caio se revela pela sofisticação do uso da linguagem capaz de realizar a síntese do lirismo pessoal e coletivo, instituindo a atmosfera do amor e da interdição, do preconceito e dos revezes das relações afetivas e sexuais entre homens que gostam de homens.

A manutenção de um tom *condenatório* das relações homoeróticas, do ponto de vista de um narrador quase sempre exclusivamente homossexual pode, a princípio, apontar para a grande dificuldade existente, não do problema central da constituição do sujeito e da subjetividade, e tampouco de um estereótipo de literatura fabricada para um público *singular*. A autocondenação das relações homoeróticas revelada por esse narrador dá a exata medida de um *ethos* social que recua diante da possibilidade da amizade nas relações homoeróticas entre sujeitos masculinos, e se nega veementemente à legitimação social e civil do amor entre dois homens.

A ficção de Caio Fernando Abreu é bastante representativa tanto pela linguagem

como pela escrita de um modo de subjetividade homoerótica (entre sujeitos masculinos), que permite dar visibilidade ao descentramento e fratura de uma identidade nacional, uma vez que o debate de questões como hibridismos, fronteiras flutuantes e derivas gendéricas a que ela remete centraliza a “experiência homoafetiva, com especial ênfase nos frágeis limites do amor e da amizade e se coloca numa situação permanentemente intervalar, para além de uma identidade homossexual ou de uma sensibilidade homoerótica” (LOPES, 2002, p. 189).

A restrição circunscrita ao gay e brasileiro ultrapassa as fronteiras vinculadas a um grupo social e deve ser considerada a partir de complexos processos de exclusão social. A aceitação e integração numa sociedade injusta como a nossa evidencia que os sujeitos masculinos em pleno exercício de seu homoerotismo acabam quase sempre se tornando, entre outros, alvo de uma sociedade de segmentação de mercado ou sujeitos do improvável e de uma permeável disponibilidade para o sexo.

Parece bastante oportuna a interrogação de Santiago (2004, p. 202) nesse aspecto:

Se a subversão através do anonimato corajoso das subjetividades em jogo, processo mais lento da conscientização, não adiciona melhor ao futuro diálogo entre heterossexuais e homossexuais, do que o afrontamento aberto por parte de um grupo que se automarginaliza, processo dado pela cultura norte-americana como mais rápido e eficiente?

A divisão dos homens homossexuais como indivíduos *diferentes* dos demais tem consequências diretas sobre uma identidade que nem sempre se deixa prender pela ordem natural e pela realidade objetiva, e “independe dos jogos de linguagem e das formas de vida

em que é pensada”. (FREIRE, 1992, p. 81). A identificação com o que sobra, com um *a-menos* da virilidade fálica imposta pelo ideal moral muitas vezes redundando na figura de exclusão e do estereótipo e do preconceito e não aponta para as brechas culturais em que ela escapa para assegurar sua livre expressão social, sem os constrangimentos morais e a violência física costumeiros.

A resistência e a coerção infligidas aos sujeitos masculinos homoeróticos procura deslegitimar toda tentativa de busca de uma expressão aberta da vida erótica e das possibilidades de amor e amizade entre homens, ao mesmo tempo em que reduz o intercâmbio e o diálogo com outros modos de masculinidade, obrigando a uma espécie de acordo com os hábitos bem estabelecidos e apoiados pela cultura da dominação e da hegemonia que definem rigorosamente todos os modos alternativos de vida.

Parece-nos bastante significativo o que Bauman (1999, p. 9) tem a nos dizer quanto a isso:

Classificar significa separar, segregar. Significa primeiro postular que o mundo consiste em entidades discretas e distintas; depois, que cada entidade tem um grupo de entidades similares ou próximas ao qual pertence e com as quais conjuntamente se opõe a algumas outras entidades; e por fim tornar real o que se postula, relacionando padrões diferenciais de ação a diferentes classes de entidades (a evocação de um padrão de comportamento específico tornando-se a definição operacional de classe). Classificar, em outras palavras, é dar ao mundo uma *estrutura*: manipular suas probabilidades, tornar alguns eventos mais prováveis que outros, comportar-se como se os eventos não fossem casuais ou limitar ou eliminar sua casualidade.

A prosa de Caio Fernando Abreu deixa bem claro que o fato de os personagens estarem quase sempre em deslocamento (social, psicológico etc.) não representa a

correspondência à apartação dos intercâmbios intersubjetivos e da vida, mas, acrescidos a essas possibilidades, a associação de um sentido à busca, “um sentido mais (ou menos) mundano quando se percebe que os caminantes estão, na verdade, em busca do amor” (PEN, 2006, p. 13), ainda que a ambivalência e a evasão se configurem como as medidas de um mundo que não assegura mais estabilidade alguma, seja de que forma for, a quem quer que seja.

Mesmo que se conceba um sentido do amor e da vida associado à corporeidade, esse sentido está sempre escapando do campo das realizações permanentes. Ele é cambiante por natureza. A miséria humana a que os textos e os personagens nos fazem lembrar, diga-se de passagem, não difere da que enfrentamos cotidianamente na pós-modernidade comum a todos os homens e mulheres. Os sujeitos plasmados pela representação estética visibilizam a alegoria de uma dualidade que continuamente se comunica como complementaridade e dissonância na plenitude do exercício da liberdade de expressão do afeto e da sensibilidade.

Depois, a busca de um sentido consegue criar elos entre os tantos fragmentos dispersos entre si, fragmentos que ajudam a constituir o grande mistério da vida e dos relacionamentos. Diante de tanta complexidade e contradição, é impossível a emersão de uma infinidade de informações que não acabe banalizando determinadas conclusões. A grande busca então nos parece estabelecer os elos entre os tantos fragmentos e possibilitar que cada sujeito seja criador da própria viagem e de conseguir enxergar uma ordem própria em meio ao caos, o que terminaria por sugerir que a cada um cabe o encontro de um caminho e suas muitas possibilidades de interpretações.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. Locais da cultura. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BAUMAN, Zigmunt. Introdução. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CALLIGARIS, Contardo. O casamento *gay* e a volta da intolerância. **Terra de ninguém: 101 crônicas**. São Paulo: Publifolha, 2004.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- DENSER, Márcia. A crucificação encarnada dos anos 80. **Caio Fernando Abreu: Caio 3d, o essencial da década de 80**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- FREIRE, Jurandir. Conjugalidade, ética sexual e parceria homoerótica. **A inocência e o vício**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- HALL, Stuart. A identidade em questão. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LOPES, Denilson. Entre homens, entre lugares. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- MORICONI, Ítalo. Introdução. **Caio Fernando Abreu: cartas**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- PEN, Marcelo. Quem tem medo de Caio F.? **Caio Fernando Abreu: Caio 3D, o essencial da década de 90**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- SANTIAGO, Silviano. O homossexual astucioso: primeiras, e necessariamente apressadas, anotações. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SECRON, Marcelo Bessa. **Os perigosos:** autobiografia e Aids. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

TREVISAN, João Silvério. Cinema Íris e os bastidores do Brasil. **Devassos no paraíso.** 1. ed. São Paulo: Max Limonad, 1986.